
“Até que a morte vos separe”: o imaginário movimentado em discursos midiáticos acerca do feminicídio em Santa Catarina¹ I

Lutiana CASAROLI²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Introdução

Este trabalho tem como tema os processos de construção dos sentidos e o imaginário movimentados em discursos midiáticos acerca do feminicídio. Trata-se de um recorte de pesquisa mais ampla, intitulada “Os feminicídios em Santa Catarina e a cobertura jornalística: mapeamento de um problema público”³, desenvolvida de 2021 a 2023, pelo grupo de pesquisa Transverso: Jornalismo, Interesse Público e Crítica, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFSC (Propesq) e da Fapesc (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina).

Objetiva-se evidenciar os processos de construção dos sentidos nos discursos midiáticos acerca do feminicídio, levando-se em conta as condições de produção das significações e as categorias interpretativas do imaginário. Este artigo prevê o desenvolvimento teórico-metodológico de temáticas relevantes que circunscrevem a pesquisa, tais como as condições de produção do discurso, as narrativas imagéticas e as bases antropológicas do imaginário. A partir dessa investigação, pretende-se chegar a algumas considerações acerca do modo como se dá o processo de construção dos discursos midiáticos acerca do feminicídio e qual é a matriz imaginária que subjaz a esse problema público.

Esse estudo do discurso adota a língua materializada em forma de texto (verbal e não verbal) e tem o discurso acerca do feminicídio divulgado na mídia de Santa Catarina como seu objeto de pesquisa. Para tanto, os enunciados componentes dos textos serão tomados em face dos efeitos de sentidos que produzem. A pesquisa justifica-se especialmente pelo fato de o combate ao feminicídio perpassar pelas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Semiótica da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Pós-doutora em Jornalismo pela UFSC, Doutora em Linguística pela UFG, Professora da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC-UFG). E-mail: lutiana_rp@ufg.br.

³ Pesquisa coordenada pelas professoras Maria Terezinha Silva e Daiane Bertasso - PPGJor UFSC.

camadas discursivas, ou seja, ele constrói-se também por meio das imagens, signos, símbolos e mitos. Por isso a relevância em estudar o discurso acerca do feminicídio a partir do quadro da Semiótica e das categorias interpretativas da Antropologia do Imaginário.

Apesar de ter uma constituição híbrida que pode interessar a diversas áreas de conhecimento, é na situação de comunicação e por meio da compreensão e da análise da língua materializada em forma de texto (verbal e não-verbal), diante dos efeitos de sentidos produzidos, que a noção de feminicídio também merece ser aprofundada.

A pesquisa tem como objetivo evidenciar os processos de construção dos sentidos nos discursos midiáticos acerca do feminicídio, levando-se em conta as condições de produção dos discursos e as categorias interpretativas do imaginário, no âmbito de dois grupos de processos vigentes: o exame dos sentidos e dos efeitos de sentidos contidos nas construções discursivas e a interpretação possibilitada pelas modalidades do imaginário. A partir disso, acredita-se que será possível compreender as condições de produção dos discursos acerca do feminicídio na mídia, ao passo que serão apreendidos os elementos que conferem significação a esse problema público. Para tal, estabelecemos como base teórica alguns pressupostos da Semiótica Visual, a partir de autores como Donis Dondis (2003) e Martine Joly (1996) e da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand. O *corpus* da pesquisa é constituído por reportagens que abordam casos específicos de feminicídio, extraídas do Portal de Notícias “NSC Total”, de expressiva circulação social das informações em Santa Catarina, no ano de 2021.

Como hipótese, destaca-se que assim como em outros processos sociais, há uma matriz simbólica arcaica que não só autoriza, mas sustenta todo um imaginário social que ainda dá razão de existência a processos de violência contra a mulher. Compreender que matriz é essa e qual é sua simbólica pode ser um passo fundamental para a compreensão do problema e da estrutura que o suporta.

Metodologia

A presente pesquisa pretende trabalhar com uma abordagem qualitativa (SAMPIERI, 2006) com o objetivo de evidenciar, num primeiro momento, os processos de construção dos sentidos nos discursos midiáticos acerca do feminicídio, levando-se

em conta as condições de produção dos discursos e as categorias interpretativas do imaginário.

As bases teórico-metodológicas estão calcadas especialmente nos pressupostos da Semiótica e da Antropologia do Imaginário. Retomam-se, principalmente, os pressupostos desenvolvidos por Gilbert Durand (2012), trabalhando conceitos, como imagens, símbolos e imaginário a fim de revelar a importância do imaginário na constituição discursiva acerca do feminicídio, enquanto fenômeno cultural, social, histórico e imaginário.

Os métodos executados contemplam a revisão bibliográfica e a pesquisa documental. De acordo com Gil (2008), o primeiro método é desenvolvido a partir da produção científica gerada por pesquisadores. O segundo método, para além da reflexão teórica, consiste na análise de documentos a qual concebe a busca por dados secundários com o intuito de confirmar ou de refutar as hipóteses da pesquisa (GIL, 2008, p. 51).

Tem-se como foco a cobertura jornalística realizada por jornais impressos de Santa Catarina, no ano de 2021. O *corpus* é constituído por reportagens cuja temática pautada leve em conta casos específicos de feminicídio. Após a coleta do *corpus*, procede-se com a análise. Nesta etapa, são trabalhados os dispositivos teóricos escolhidos na busca pela interpretação dos documentos e das informações. O suporte da teoria implica o desvelamento dos efeitos de sentido contidos nos níveis sintático, semântico e discursivo a partir do exame de palavras, das construções discursivas, das imagens e dos símbolos movimentados nos discursos.

A análise do *corpus* parte das premissas previstas no método de análise Semiótica e do imaginário: primeiro, mapeiam-se as redundâncias significativas (signos visuais e verbais que se repetem). Em seguida, observam-se as constelações simbólicas mobilizadas em tais repetições. Por fim, identifica-se o *schème* (esquema) movimentado em relação ao reflexo dominante (posição, nutrição ou copulativo). A partir disso, será possível identificar o arquétipo correspondente e os símbolos associados. Só então a estrutura do imaginário (heróica, mística ou sintética) e o regime (diurno ou noturno) serão desvelados, assim como o possível mito diretivo. Sabe-se que a escolha por essa delimitação possibilitará um aprofundamento maior nos estudos da produção dos efeitos

de sentido e da busca pelo simbólico, mesmo que possa acarretar dificuldades em termos de generalização dos resultados.

Fundamentação Teórica

Em busca da compreensão da constituição dos discursos midiáticos acerca do feminicídio, enquanto fenômeno simbólico e histórico intimamente relacionado às estruturas sociais da linguagem, discutem-se alguns conceitos fundamentais que permitem pensar a articulação entre imagem, imaginário, narrativas míticas e feminicídio.

Como ponto de partida, elucida-se a questão do discurso a partir da perspectiva da linguagem, a qual considera fundamental para a análise aspectos exteriores à língua, colocando o social como eixo preponderante para compreender práticas discursivas. Cabe aqui destacar que o olhar se volta à exterioridade da língua, quer dizer, às relações de comunicação estabelecidas pelos sujeitos. Tal escolha deve-se à consciência de que é preciso acessar tanto o nível linguístico, quanto o discursivo para a compreensão não só estrutural como também social, histórica e antropológico da linguagem.

Entre muitas maneiras de se estudar a linguagem, adota-se aqui a perspectiva da Antropologia do Imaginário, de Gilbert Durand (2012) e seus adeptos. Assim, toda vez que falarmos de discurso midiático acerca do feminicídio estaremos nos referindo, antes de tudo, à linguagem em movimento, aos diversos textos dispersos socialmente, mas que pelo modo de inscrição histórica e imaginária, permite certa regularidade enunciativa.

Gilbert Durand (2012) constrói sua metodologia de estudos do imaginário a partir da classificação da imagem baseada na influência dos três reflexos dominantes - postural, sexual e digestivo - na constituição do imaginário da espécie humana. Desse modo, as imagens são dinamizadas em feixes formados pelas dominantes reflexas, que se compõem em *schèmes* ou esquema. O esquema, por sua vez, refere-se à atividade abstrata, muito ligada à ação verbal, e que apresenta uma estreita correspondência com reflexos dominantes. A partir dos resultados alcançados pela reflexologia da Escola de Leningrado sobre as dominantes reflexas, Durand (2012) concluiu que há uma concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações

simbólicas. Desse modo, na concepção durandiana, as dominantes reflexas prolongadas em esquemas são consideradas as matrizes sensório-motoras dos grandes símbolos.

Conforme apresenta Casaroli (2022), a primeira dominante reflexa apresentada pela teoria durandiana é a da posição, isto é, aquela que coordena ou inibe todos os outros reflexos, por exemplo, quando se põe o corpo da criança na vertical. Os reflexos posturais colocam em jogo a topologia da verticalidade. A dominante da nutrição aparece mais claramente nos recém-nascidos por meio dos reflexos de sucção labial e de orientação correspondente da cabeça. Esses reflexos são provocados por estímulos exteriores ou pela fome: “a dominante age sempre com um certo imperialismo, pode já ser considerada como um princípio de organização, como uma estrutura sensório-motora” (DURAND, 2012, p. 49). Posto isso, a nutrição e a posição estabelecem-se como reações inatas de caráter dominante.

A terceira dominante reflexa diz respeito ao reflexo sexual. Durand 2012, p. 49) afirma que “essa dominante se manifesta por uma concentração das excitações no reforço do complexo braquial”. Aqui se destaca o caráter cíclico e interiormente motivado da dominante copulativa.

As representações que correspondem a tais reflexos dominantes expressam-se por aquilo a que Durand (2012) denominou por esquema, isto é, substratos gestuais que, em contato com o meio ambiente natural e social, dirigem-se para uma ação. Assim, os três gestos dominantes prolongam-se em esquema, “uma generalização dinâmica e afetiva da imagem, [que] constitui a factividade e a não-substantividade geral do imaginário” (DURAND, 2012, p. 60). Como exemplos, a verticalidade da postura humana, que corresponde ao esquema da subida e ao da divisão (visual ou manual), e o gesto de engolir, que se refere ao esquema da descida (percurso interior dos alimentos) e ao do aconchego na intimidade (o primeiro alimento do homem, que se deu por meio da amamentação) (CASAROLI, 2022).

O esquema ainda é uma abstração, não necessariamente imagem. Assim sendo, ele ainda irá “substantificar-se” em arquétipos que, em termos durandianos, são, antes de tudo, compostos por imagens primordiais, imagens universais, símbolos fundamentais e muito estáveis, para além da cultura. Pode-se ilustrar a questão do arquétipo com o esquema da subida, representados pelos arquétipos do chefe, do alto, do herói, do soberano e pelo arquétipo do Pai..

Os arquétipos podem se ligar a imagens, isto é, símbolos, muito diferenciadas pelas culturas, nas quais vários esquemas se vêm imbricar. As estruturas do imaginário, portanto, gravitam em torno de três esquema matriciais: separar (estrutura heroica), incluir (estrutura mística) e dramatizar (estrutura sintética ou disseminatória). O esquema corresponde ao verbo, à ação básica. O arquétipo, ao dar forma a essa intenção fundamental abstrata, será imagem, mas imagem universal: herói, mãe ou tempo cíclico. O símbolo, por sua vez, vai ser a tradução visual do arquétipo dentro de um contexto social específico

As estruturas figurativas e dinâmicas do imaginário, de acordo com Durand (2012, p. 69), organizam-se em outros protocolos normativos, chamados de regimes da imagem: “uma estrutura é uma forma transformável, desempenhando o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens, e suscetível ela mesma de agrupamento em uma estrutura mais geral que nomearemos de regime”.

Com base nisso, Durand (2012) passa a considerar a existência de dois regimes da imagem: o regime diurno e o regime noturno. O regime diurno é aquele que reúne as imagens instigadas pelo reflexo dominante postural e de seus respectivos esquemas: caracteriza-se pela ascensão, pela luz e possibilita as distinções, o embate, a luta. O regime noturno, por seu turno, comporta as imagens provocadas pelos reflexos dominantes da nutrição e da copulação, assim como de seus prolongamentos em esquemas: caracterizado pela noite, que unifica e concilia e pela descida quente e acolhedora. No regime noturno da imagem, a morte não é vista como fim, mas como possível continuidade, parte de um ciclo de vida e renascimento, que vão apontar para todos os mitos do eterno retorno que conhecemos (ELIADE, 2019). Esses dois regimes da imagem cobrem as três estruturas do imaginário, que dão resposta à questão fundamental do homem: sua mortalidade.

É no prolongamento desse raciocínio que Gilbert Durand chega à definição de mito enquanto um: “sistema dinâmico de símbolos, de arquétipos e de esquema, sistema dinâmico que, sob a impulsão de um esquema, tende a se compor em relato” (DURAND, 2012, p. 67). O mito é responsável por transformar as escolhas em relatos, em histórias que, por sua vez, terão o papel de organizar o mundo, estabelecer as regras de organização social, cultural e histórica e, portanto, de servir de modelo, com seus personagens, para a ação cotidiana dos indivíduos.

No ato comunicacional, que implica a presença e a interação entre os sujeitos, há a interferência de um mecanismo imaginário que constitui as imagens das posições que os sujeitos ocupam. Orlandi (2007) afirma que, na análise discursiva, é importante a noção de que o imaginário faz parte do funcionamento da linguagem. Esse entendimento permite-nos pensar a imagem no lugar discursivo que outorga a ela a mobilidade de sentidos que são da ordem do social, do histórico e do cultural para além da linguagem: é da justaposição que há entre imagens e símbolos que chegamos ao imaginário. Na concepção de Maffesoli (2011, p. 76), “imaginário é uma construção mental que se mantém como cimento social”. A proposta de Durand (2012) é a de que o imaginário individual e coletivo tanto se constitui, quanto se manifesta na atividade simbólica humana que permeia os discursos, os mitos, os símbolos e as imagens de um modo geral. A partir dessa concepção, deseja-se enfatizar a relevância do imaginário na constituição acerca dos discursos sobre o feminicídio veiculados pela mídia, pois acredita-se que essa imagem é uma produção de sentidos e efeitos de sentidos possibilitada pela vida em sociedade.

Dessa forma, entende-se que os discursos acerca do feminicídio podem estar diretamente associados às construções do imaginário coletivo. O modo pelo qual o ser humano encontra de narrativizar o imaginário é por meio de imagens simbólicas e de narrativas arquetípicas. Assim sendo, as imagens desse discurso teriam intrínseca relação com os mitos pertencentes ao imaginário universal. É nesse sentido que pretende-se desvendar quais são os mitos diretivos que constituem as acerca do feminicídio. Entende-se, por fim, que talvez a aparição midiática de discursos acerca do feminicídio perpassa por uma série de questões relativas à questões de ordem histórica, social, econômica e cultural.. Mas também passe por questões arquetípicas (JUNG, 2000).

Em busca da matriz imaginária que sustenta os discursos de casos de feminicídio

Conforme explicitado, o *corpus* da pesquisa é constituído por reportagens que abordam casos específicos de casos de feminicídio, extraídas do Portal de Notícias “NSC Total”, devido a sua expressiva circulação social de informações em Santa Catarina. O período analisado corresponde ao ano de 2021. Nesse período, cento e

noventa e nove (199) matérias foram validadas para análise por se tratarem de crimes específicos de feminicídio.

Em 55 matérias as vítimas não são identificadas, seja porque as investigações ainda eram iniciais ou devido ao fato de os crimes não terem sido consumados (tentativa) e, portanto, os nomes não são citados. Vítimas menores de idade também não costumam ser identificadas⁴.

Em 20 matérias, muito pouco se fala sobre as vítimas e as representam apenas por termos genéricos. Exemplo disso são as referências que partem de marcadores de gênero, tais como “mulher” ou “mulher transgênero”, “mulher trans”. Por vezes tais marcadores vêm associados a indicativos de idade como “menina”, “bebê”, “garota”. Outros termos referenciais generalistas bastante utilizados são “vítima” e “corpo”.

124 matérias retratam a vítima a partir de seus dados referenciais: 60 delas citam nome completo, idade e naturalidade. Os termos indicativos de vínculo afetivo, familiar ou matrimonial que a vítima mantinha com o agressor também são bastante comuns: “esposa” (ou “mulher”), “namorada”, “casada”, “companheira”, assim como tais termos associados ao prefixo “ex”: “ex-namorada”, “ex-companheira”, “ex-mulher”.

Aqui, chama-se atenção para o fato de que em 37 casos as vítimas foram mortas pelos seus atuais companheiros (namorados, maridos) e em outros 38, as vítimas foram agredidas pelos seus ex-companheiros (ex-namorados, ex-maridos). Lúcia Schultz⁵, por exemplo, foi morta pelo *companheiro* dentro de casa em Itapema. O caso de Lúcia ocorreu em março de 2021, teve três matérias publicadas e foi marcada pela demora judicial e prisão do suspeito que foi encontrado foragido na casa de sua nova namorada. Ana Júlia Floriano⁶, jovem grávida assassinada a tiros em Lages pelo *ex-namorado* foi

⁴ Por exemplo, no caso de um “bebê morto” em Siderópolis no qual os pais foram presos como principais suspeitos do crime. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/columnistas/denis-luciano/bebe-morto-em-sideropolis-pais-divergem-nas-versoes-e-estao-presos> Acesso em: 20/08/2021.

⁵ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/foragido-por-matar-medica-em-itapema-e-encontrado-na-casa-de-nya-namorada-no-rs> Acesso em: 20/08/2021.

⁶ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/jovem-gravida-e-assassinada-a-tiros-em-lages-ex-namorado-e-o-suspeito> Acesso em: 20/08/2021.

outro caso que teve significativa repercussão social e midiática. Cinco matérias foram publicadas entre os meses de junho e julho de 2021⁷.

Além de terem sido vítimas de seus companheiros ou ex-companheiros, Lúcia, Ana Júlia e um número significativo de outras mulheres foram mortas dentro de suas próprias casas: 80 reportagens nos trazem esse dado. Outro dado que chama atenção é o de que em 38 casos a principal motivação apontada para o crime tenha sido a não aceitação por parte do agressor do término do relacionamento. Leticia Cordeiro Ferreira, morta esfaqueada pelo ex-companheiro em Fraiburgo é exemplo típico disso: "o suspeito, que já tem antecedentes criminais por lesão corporal, não aceitava o fim do relacionamento, segundo informações da PM."⁸

Em outros 36 casos, a motivação citada para o crime refere-se a emoções fortes oriundas de ciúmes e sentimento de posse: “explosão de raiva”, “ciúmes”, “posse”, “desentendimento” e até mesmo “surto” aparecem como motivo central para os crimes. Exemplo prototípico desse comportamento diz respeito ao caso de Ana Kemilli, que teve sete reportagens contando sua trágica história: adolescente de 14 anos, morta pelo ex-companheiro, na Serra de Santa Catarina. A motivação para o seu assassinato foi descrita como sendo a “paixão mórbida”⁹ que o agressor sentia pela vítima.

Chama-se atenção aqui para as redundâncias significativas que residem nos signos verbais que mais se repetem nos discursos. A partir dessas repetições, chega-se a três categorias de análise: quem é o agressor, qual é o local do crime e quais as principais motivações apontadas. Portanto, o foco dessa análise recai sobre os signos: “companheiros” e “ex-companheiros”, “dentro de casa” e “não aceitar o fim do

⁷ Ela tinha um relacionamento abusivo, mas não contava para familiares, apenas para as amigas, conforme afirma sua mãe: "Ana Júlia preferia esconder dos familiares a violência que sofria no relacionamento" e "Eu sei dos abusos porque as amigas falavam. Eu peguei o celular dela algumas vezes, também. Vi as ameaças de morte que ela sofria para não terminar o namoro. E eu fiz de tudo para afastar ela desse monstro, porque ela foi criada com muito amor e numa família muito unida". Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/mae-de-gravida-assassinada-em-lages-cobra-prisao-de-suspeito-nao-para-um-segundo-de> Acesso em: 20/08/2021.

⁸ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/suspeito-de-esfaquear-ex-namorada-encontrada-morta-em-carro-e-priso-em-sc> Acesso em: 20/08/2021.

⁹ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/paixao-morbida-motivou-assassinato-de-ana-kemilli-na-serra-de-sc-revela-policia-suspeito-e> Acesso em: 20/08/2021.

relacionamento”. Portanto, o ponto de partida dessa análise do imaginário levará em conta as imagens mobilizadas nesse discurso.

Começemos pela significação em torno do signo verbal “companheiro”. Partindo-se do sentido denotativo, é possível encontrar, em qualquer dicionário de língua portuguesa, a seguinte definição: “que está ligado ao outro (inseparável)”, “que vive na mesma casa”, “membro de um casal”¹⁰. Quando partimos para o sentido simbólico, isto é, para as imagens mentais e constelações de imagens que se associam a esse signo, a noção se expande para questões vivenciadas socialmente de modo mais complexo: “companheiro” passa a ser símbolo também de casamento (mesmo que oficialmente só se entenda por casamento o contrato que oficializa união civil ou religiosa). Nesse sentido, movimentamos a simbólica de “união amorosa entre um homem e uma mulher” (CHEVALIER, 2015, p. 197). Os casamentos sagrados ou hierogâmias são encontrados em muitas mitologias religiosas: mitologia judaico-cristã (a união de Cristo com a Igreja), mitologia Greco-Romana (união de Zeus e Têmis), na mitologia Egípcia (as esposas do Deus Amon) etc. É assim que o casamento é a instituição que socialmente há séculos preside a transmissão da vida: ele simboliza a origem da vida a partir da união entre homem e mulher: “ele se inclui entre os ritos de Sacralização da vida” (CHEVALIER, 2015, p. 197).

Nota-se de antemão que a simbólica que gira em torno dos termos “companheiro” e, conseqüentemente, de seu derivado “ex-companheiro”, traz em seu cerne a questão da sacralização da vida a partir de uma perspectiva de união, de proximidade e de vida íntima. Logo, reporta-se à dominante digestiva que, como visto, é formada pelas matérias das profundezas e mobiliza o imaginário do repouso, da intimidade, do aconchego e da união.

Por sua vez, o substantivo feminino “casa”, segunda categoria de análise, tem seu sentido denotativo definido como sendo “nome genérico de todas as construções destinadas à habitação”¹¹. Para o nível simbólico, casa movimentamos outros sentidos. De acordo com Bachelard (2019), casa é símbolo feminino, com o sentido de refúgio, de mãe, de proteção, de seio maternal. Isto é, nos níveis mais profundos de nossa psique, a casa adquire uma significação de morada, lar, de templo sagrado de nossas intimidades.

¹⁰ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/companheiro> Acesso em: 13/05/2023.

¹¹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/casa> Acesso em: 13/05/2023.

Nesse sentido, Durand afirma que “a fantasia da casa traz todos os tesouros da intimidade das coisas” (2012, p. 234). Portanto, vemos a casa como parte da constelação materna orientada pelo esquema da descida.

Observa-se aqui que o verbo transitivo “casar” (casa + ar) tem em sua matriz a palavra casa e significa “unir por casamento”¹². Portanto, é possível observar a formação da constelação simbólica entre as palavras companheiro, ex-companheiro, casamento e casa que apontam para o sentido de intimidade, refúgio, partilha e lar, simbólica essa presente inclusive na sabedoria popular que antecipa: “quem casa quer casa”.

Certamente, sob a ótica do imaginário, para um estudo dos valores da intimidade, do repouso e do espaço interior, a casa emerge como um exemplo prototípico, pois, ao tomarmos simultaneamente a sua unidade e a sua complexidade, como bem quis Bachelard (2019), é possível integrar os seus valores particulares em um valor fundamental: assim como ela nos dará imagens dispersas (várias faces dessa casa, cabendo aqui desde uma caverna, uma barraca, o útero ou um apartamento), também fornecerá um conjunto de imagens unificado, cujo vértice simbólico reside no movimento para “dentro”, com intuito de “proteção” e “repouso”.. Em ambos os casos, é a imaginação que potencializa os valores da realidade bruta, pois ocorre uma constelação simbólica em torno da concepção de casa não só unifica as memórias afetivas, unindo todas as casas em que nossa experiência encontrou abrigo, como também une todas as casas que já foram nosso lar. Assim sendo, identifica-se a essência da intimidade protegida nessas imagens de casas que somos capazes de sonhar.

Por fim, a terceira categoria de análise aponta para a simbólica movimentada pela principal motivação apontada para os crimes de feminicídio: os agressores justificam suas atitudes no fato de “não aceitarem o fim do relacionamento”. Partindo-se da definição do signo “relacionamento”, chega-se à definição: substantivo masculino que significa “ato de se relacionar”, “ligação afetiva ou sexual entre duas pessoas”. Destaca-se aqui o fato de que na raiz da palavra está o termo laço, que merece abordagem adequada em torno de sua significação. Muito mais do que um “nó com duas alças”¹³, os laços (liames), como as redes, “simbolizam uma função régia”

¹² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/casa> Acesso em: 13/05/2023.

¹³ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/la%C3%A7os>

(CHEVALIER, 2015, p. 532). Na mitologia, “os laços de Varuna também são mágicos, assim como é mágica a própria soberania (...) com seus liames, o deus garante os contratos, mantém os homens nas redes de suas obrigações, somente ele pode desatá-los”. Na Bíblia judaico-cristã o poder de atar simboliza autoridade, “designando toda e qualquer obrigação, não somente aquela imposta pelo poder, mas desejada livremente pelas partes diferentes que se sentem ligadas entre si”(CHEVALIER, 2015, p. 532). É assim que se chega às obrigações matrimoniais instituídas pelo laço do casamento, dentro de uma perspectiva judaico-cristã. Amplamente vivenciada pela sociedade, a noção de amor eterno que pertence a uma premissa amplamente aceita pelo imaginário do amor romântico (BRAZ, 2020), está enraizada na perspectiva do casamento.

Escapam aos objetivos do artigo discutir a historicidade do casamento e as noções que circunscrevem o amor romântico, mas cabe aqui ressaltar a imagem recorrente que é movimentada em todo ato de casar e com a qual já temos certa familiaridade: “até que a morte os separe”. Essa frase foi dita e repetida inúmeras vezes na história da humanidade. Este é o prazo que Deus (Judaico-Cristão) estabeleceu para o casamento entre um homem e uma mulher: “Jesus disse: ‘portanto o que Deus ajuntou não o separe o homem’” (Mc. 10: 9). Nota-se que essa sentença prevê que o casamento deve durar até que um dos cônjuges morra. A separação, portanto, não seria possível. Tanto que historicamente, no Brasil, os divórcios só foram permitidos a partir de 1977¹⁴. Para além das questões que circunscrevem a noção de eternidade, é importante ressaltar que o casamento também emerge simbolicamente questões de posse e dominação. Não é novidade que em uma sociedade patriarcal, há um importante exercício de poder do homem sobre a mulher. Na dinâmica simbólica do casamento, a mulher é dada em casamento e passa a pertencer à família de seu esposo, abrindo mão, muitas vezes, de seu próprio sobrenome. Esse pertencer tem consequências desastrosas. A simbólica do laço desliza de uma matriz afetiva, íntima e acolhedora para uma matriz de posse, domínio e opressão. Um laço difícil de ser desatado, mais próximo da noção de “nó” como diria Silva (2006). Vejam que na língua portuguesa o pronome pessoal do caso reto, “nós”, sujeito da ação correspondente à primeira pessoa do plural, tem a mesma

¹⁴ O divórcio foi instituído oficialmente com a emenda constitucional número 9, de 28 de junho de 1977, regulamentada pela lei 6515 de 26 de dezembro do mesmo ano.

grafia de “nó”, que corresponde à noção de laço apertado, vínculo, apego intenso. Somando-se a isso a noção de que o relacionamento só terá fim diante da morte, não é difícil de imaginar que a matriz interpretativa deslize facilmente entre a possibilidade da chegada da morte natural para uma morte provocada. Nos níveis do imaginário, o derivar de uma matriz para outra é possível, historicamente visualizável. Os inúmeros casos de feminicídios motivados pela não aceitação do fim dos relacionamentos podem exemplificar isso.

Portanto, para fins de conclusão, nota-se que os discursos midiáticos acerca dos casos de feminicídio movimentam, majoritariamente o esquema da descida digestiva, ligado à dominante reflexa da nutrição. Tal constelação orbita a estrutura mística do imaginário e aponta para o regime noturno da imagem por mobilizar o arquétipo do aconchego, da morada materializados nos símbolos da casa (lar), do companheiro, do relacionamento (casamento) e do amor. É importante destacar aqui que o regime noturno da imagem, isto é, aquele que carrega a energia psíquica feminina, a anima na concepção Junguiana (2000), está sendo duramente combatido de modo a apresentar estados aproximados de regressão psíquica. Destaca-se que diversos símbolos pertencentes ao regime noturno são atacados, não só a figura simbólica da mulher, objeto de discussão dos casos de feminicídio: a casa, o companheiro, o casamento são exemplos claros disso, como exposto. Por sua vez, essa simbologia que estrutura os discursos midiáticos atualiza o mito do “*Deus pai*” judaico cristão para os tempos atuais: a manifestação discursiva deriva de um ímpeto machista, misógino edificado discursivamente no substrato da figura patriarcal toda poderosa e superior. Toda energia feminina é negada, excluída, combatida e, claro, passível de ser morta.

Vemos, portanto, a casa não mais como parte da constelação materna orientada pelo esquema da descida. Nota-se o perfeito isomorfismo, na inversão dos valores noturnos, de todos os símbolos analisados, engendrados pelo esquema da subida. O engolimento se deprecia em trincar. A descida digestiva disfemiza-se em queda. O companheiro, que simbolizaria igualdade, transforma-se em um gigante solar e mesquinho: agressor, assassino. O sonho do repouso, da rendição e do noturno é substituído drasticamente pelo esquema ascensional, luminoso e diarético, respaldado pelo herói armado que destrói o “mal”. A noite benfazeja é substituída pela ameaça das trevas. A inversão dos valores noturnos que se referem ao corolário simbólico da

valorização das imagens de segurança e intimidade, nos trazem valores de separação, ostentação e desmembramento analítico. Ressalta-se, novamente, que não são só as mulheres que estão sendo atacadas, mas sim toda energia feminina, a alma, assegurada pelo regime noturno da imagem. A misogenia e, por consequência, o feminicídio tem sua matriz imaginária respaldada pelo regime diurno da imagem no qual há uma clara valorização do herói armado, do sonho ascensional e diairético materializados na figura do Deus pai todo poderoso..

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- BRAZ, I. R. **O amor romântico na sociedade capitalista e patriarcal: uma crítica feminista marxista**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- CASAROLI, Lutiana. **As estruturas antropológicas do imaginário: metodologia durandiana de classificação e análise de imagens**. In: Múltiplos olhares sobre a pesquisa com imagens. Org: Vidica [et. al]. Goiânia: Cegraf, 2022.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015..
- DONDIS. Donis. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 1996.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Edições 70: Lisboa, Portugal, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy; Dora Mariana Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MAFFESOLI, M. **O imaginário é uma realidade**. Revista Famecos. Porto Alegre, n.15, agosto, 2011.
- ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2007.
- SAMPIERI, R.; FERNANDEZ COLLADO, C.; BAPTISTA LUCIO. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SILVA, Gustavo de Castro. **O mito dos nós: amor, arte e comunicação**. Brasília: Casa das Musas, 2006.